



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE-CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ADRIANO ARAÚJO FREIRE

CONCEPÇÕES DOS HOMENS QUANTO ÀS FRAGILIDADES MASCULINAS

CAMPINA GRANDE - PB

2014

ADRIANO ARAÚJO FREIRE

CONCEPÇÕES DOS HOMENS QUANTO ÀS FRAGILIDADES MASCULINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Railda Fernandes Alves

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F866c Freire, Adriano Araújo.
Concepções dos homens quanto às fragilidades masculinas
[manuscrito] / Adriano Araújo Freire. - 2014.
29 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ráilda Fernandes Alves,
Departamento de Psicologia".

1. Comportamento masculino. 2. Gênero masculino. 3.
Convenções sociais. I. Título.

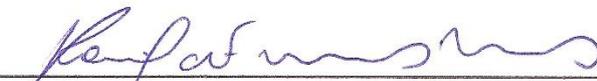
21. ed. CDD 150.194

ADRIANO ARAÚJO FREIRE

CONCEPÇÕES DOS HOMENS QUANTO ÀS FRAGILIDADES MASCULINAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Psicólogo e Licenciado em Psicologia.

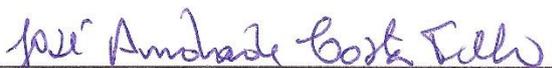
Aprovada em: 14 / 11 / 2014.



Prof.ª Dr.ª Railda Fernandes Alves/ UEPB
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Sibelle Maria Martins de Barros/ UEPB
Examinadora



Prof. Me. José Andrade Costa Filho/ UEPB
Examinador

CONCEPÇÕES DOS HOMENS QUANTO ÀS FRAGILIDADES MASCULINAS

FREIRE, Adriano Araújo ¹

RESUMO

Este estudo objetiva conhecer os discursos circulantes sobre as fragilidades masculinas, assim como, compreender os sentidos dessas fragilidades; compreender como as concepções de gênero influenciam o comportamento masculino ao lidar com suas fragilidades; entender as diversas maneiras pelas quais os homens registram e demonstram a dor emocional e investigar o comportamento masculino perante a busca de ajuda e/ou apoio psicológico. A metodologia em execução foi transversal, descritiva e analítica, com abordagem quantiquantitativa. O campo de investigação foi a cidade de Campina Grande/ Paraíba. A amostra foi composta por sujeitos do sexo masculino, na faixa etária de 18 a 30 anos (N=30). Os instrumentos foram um questionário sócio-demográfico e uma entrevista em profundidade. As análises qualitativas geraram seis categorias que mostraram que os homens mantêm valores tradicionais em relação à definição de ser homem, e assertivas como: o homem é sempre forte e a mulher é frágil; o homem ainda que tenha momentos de fragilidade deve escondê-la para não correr o risco de ser taxado de homossexual; evita pedir ajuda e compartilhar suas supostas fragilidades. Consideramos tais discursos impactantes porque se trata de uma amostra de jovens (média de idade 22,7) universitários, de quem se espera uma mentalidade mais moderna por pertencer a uma geração que tem testemunhado ‘grandes’ transformações sociais e pertencerem ao mundo universitário, que é o mundo da erudição. Registramos a existência de um paradoxo entre os discursos quando fazem uma crítica às amarras sociais que os mantêm presos a alguns valores e comportamentos mais tradicionais, no entanto, não conseguem avançar numa mudança de comportamento pelo medo de receber uma taxaço que desmereça ou diminua a sua masculinidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fragilidades; Gênero Masculino; Homem; Psicologia da Saúde.

¹ Graduando de Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba
E-mail: adfreire_2006@hotmail.com

Introdução

A preocupação com a qualidade da saúde do homem é algo relativamente novo, visto que a maioria dos estudos científicos acerca do tema só começam a ganhar visibilidade em 1970 nos Estados Unidos (SABO, 2000). Tais estudos, por sua vez, partem do pressuposto de que a ideia de masculinidade tradicional produz um déficit de saúde para o homem, que se reflete nos altos índices de mortalidade e baixa expectativa de vida em comparação com as mulheres (LAURENTI, 2005).

Com efeito, compreendemos que o imaginário masculino, bem como as concepções do que é ser homem são construções históricas e sociais que se refletem no comportamento e na maneira de ser e agir dos indivíduos numa sociedade. De acordo com Silva (2011, p. 670)

“(...) não podemos esquecer que o patriarcado é uma instituição sócio-histórica e cultural milenar que amalgamou modos de ser, de se vestir, de se comportar e que a concepção de gênero é resultante dessa cultura que é uma representação construída, portanto, histórica, simbólica, relacional (...)”

Logo, nesse tipo de sociedade os meninos são ensinados desde criança a serem o sexo forte, inviolável, indestrutível, e as dores ou a sensibilidade não são permitidas. Assim sendo, possivelmente, muitas vezes a dor, o choro e outros sentimentos são reprimidos, levando à possibilidade de desenvolver outros tipos de angústias e sofrimentos inerentes ao campo da saúde mental masculina.

Por conseguinte, a maioria dos homens "ainda hoje, trazem uma consciência sobre eles mesmos produzida por conceitos vagos de autoridade e tradição como referência para definirem o masculino" (NOLASCO, 1995; p. 32). Por outro lado, nos questionamos, será mesmo que o homem se considera o sexo forte o tempo todo? Estariam em transformação essas concepções acerca do masculino? O que os homens têm a dizer sobre a maneira como estão lidando com seus sentimentos?

A partir dessas inquietações essa pesquisa buscou conhecer os discursos circulantes sobre as fragilidades masculinas. Assim como compreender os sentidos de fragilidade para esses homens; compreender como as concepções de gênero influenciam o comportamento masculino ao lidar com suas fragilidades; entender as diversas maneiras pelas quais os homens

registram e demonstram a dor emocional; Investigar o comportamento masculino perante a busca de apoio psicológico.

Gênero

Definir o que é ser homem nas características atuais vem sendo um grande desafio para estudiosos na área de gênero, já que, estamos imersos em significativas mudanças e interações culturais (BRAGA, 2007). A dinâmica tanto individual quanto coletiva, política e cultural, está em processo contínuo de reconstrução, processo que inclui também as reflexões quanto ao papel masculino na contemporaneidade (PINHEIRO, 2008). A porta de entrada para o conhecimento do que é ser homem, é caracterizado pelo movimento do estudo de gênero, pois diante da sua definição, temos elementos para observar o comportamento e as mudanças dos homens ao longo dos tempos (PINHEIRO, 2008).

O conceito de gênero surgiu entre as estudiosas feministas para se contrapor à ideia de sexo como essência. Em tal conceito são recusadas qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudesse explicitar o comportamento de homens e de mulheres, a partir de uma visão naturalista, universal e imutável, servindo assim, para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas (FELIPE; NOGUEIRA; TERUYA, 2008). Em nível individual, o gênero corresponde ao jeito de ser/parecer do indivíduo. Em relação aos fatores mais abrangentes, destacam-se o social, o cultural e o histórico como modelo de construção para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007).

Swales (1990), em uma perspectiva social, defende a dinâmica exercida ao conceituar os gêneros, afirmando que as condições sociais e históricas contribuem para a sua transformação, por isso não se prestam a classificações fáceis ou a estudos meramente prescritivos; como construções históricas, mantendo, assim, certa estabilidade, mas, também evoluem para responder às necessidades de um mundo em mudanças. Nesse sentido o reconhecimento das classificações de gêneros está relacionado ao âmbito de comunidades discursivas, nas quais, são importantes as práticas e crenças de seus membros. Cada comunidade tem seus objetivos particulares e, assim, é a própria comunidade que define quais gêneros são relevantes para a concessão desses objetivos, ênfase no propósito comunicativo e na ação social.

Medrado e Noca (2010), referindo-se às relações de gênero e saúde, afirmam que gênero

é um fator constituinte nas relações, trazendo implicações para todas as esferas da vida e da atividade humana, desde a inserção social e econômica até a experiência do sofrimento físico e mental. E ainda na forma de adoecer e de conviver com a doença, de perceber os sintomas, de avaliar a gravidade da doença e de acessar os serviços de saúde.

A Construção do Masculino

Remete-se a bem antes da criação das famílias patriarcais, os trabalhos dos homens na construção de seu comportamento. Estudos antropológicos (ENGELS, 1884/1964; MURARO, 1997), mostraram que as famílias (ditas “primitivas”) eram organizadas tendo por base a figura materna, desconhecendo, então, o papel do pai no processo de reprodução. Desse modo, as famílias eram nômades e polígamas. Mais tarde, quando esse papel foi reconhecido, surgiu o controle ao corpo feminino pelo homem, instituindo-se as famílias monogâmicas, e a divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres. Instaure-se, assim, o patriarcado centrado na visão de descendentes.

O patriarcado não está somente relacionado ao poder do pai, e sim, ao poder hegemônico masculino, enquanto categoria social, tendo como subordinados as mulheres e os mais jovens. Diante dessa construção, o homem assegurava seu direito de controle das atividades, da família e da sociedade (MILLET, 1970; SCOTT, 1995). Na contemporaneidade o poder do patriarca pode ser visto na forma do controle capitalista, no qual, o poder toma de empréstimo o modelo tradicional do patriarca para servir de modelo, sustentador das normas sociais aceitáveis, mesmo em sua estrutura modificada (PATEMAN, 1993). Corroborando esta ideia Machado (2000, p.3) afirma existir um “patriarcado contemporâneo”, que vem alterando-se em suas configurações ao longo da história, tornando-se um patriarcado moderno.

Consideramos então que, mesmo o patriarcado tendo construído um modelo de masculinidade, esse modelo “por ser uma construção é passível de mudanças” (SILVA, 2011; p 670). Assim sendo, na atualidade os papéis sociais, políticos e culturais estão em contínuo processo de reconstrução e mudanças. Tais mudanças estão articuladas com o que na atualidade pode-se chamar, segundo SILVA, (2011), de “crise da masculinidade” a qual influencia diretamente à saúde mental desses sujeitos.

As mulheres (pós-feminista) ganharam seu espaço mediante o enfrentamento de lutas e conquista de direitos. Essa conquista no direito feminino fez com que os homens perdessem a hegemonia soberana, tendo que readaptarem-se aos novos tempos (MACHADO, 2008). Essas

mudanças trazem atordoamento ao comportamento masculino, de modo que o medo e a dúvida passam a fazer parte do universo dos homens. Cuschnir (2001), afirma que os homens diante desse ganho de espaço pelas mulheres, escondem seus temores e inseguranças, sem saber ao certo como reafirmar seu papel como macho, ainda preso a antigas formas de pensar.

No cenário atual constata-se que o homem está atravessando uma “crise da masculinidade” (MACHADO, 2008; WANG, 2006; CECARELLI, 1998; SILVA, 2011). Tais mudanças influenciam diretamente na saúde mental dos indivíduos. Os papéis sociais, políticos e culturais estão em contínuo processo de reconstrução, incluindo-se, nesse contexto, relevantes reflexões a respeito do papel masculino na contemporaneidade. Juntamente a essas reflexões estão a dificuldade, em parte, dos homens procurarem ajuda ou cuidados médicos e especialista como os psicólogos, enfim, de terem acesso à condição de serem assistidos em suas necessidades, já que são influenciados pela ideia dominante de que devem assistir e prover a outros (PINHEIRO, 2002).

Segue a dúvida de como esses homens estão enfrentando seus medos, como se expressam diante da incapacidade, de muitos, em estar à frente da família ou do trabalho. Na cultura do masculino, o homem que demonstra suas fragilidades é visto vulnerável e com falhas, cultura que ficou incutida em seu processo educacional sobre como se deve portar na vida. Agora o homem se vê diante das tarefas de ser bem sucedido (tarefa, hoje, disputada, pelo lugar adquirido pelas mulheres no âmbito do trabalho), ser um bom provedor, estabelecer um vínculo amoroso e cuidar dos filhos. O homem fechado está perdendo sua força, se faz necessário em seu processo de modificação a expressão de seus sentimentos, do pedir ajuda, do queixar-se e reclamar uma vida mais feliz, deixando de lado a armadura do ser forte (CUSCHNIR, 2002).

Para entender como os homens sentem suas emoções, faz-se necessário uma visão holística desse homem, na junção de diversos papéis representados por ele na sociedade. Porém os velhos papéis estabelecidos pela sociedade tradicional ainda se impõem numa tendência a negar a sensibilidade masculina. Nolasco (1995) destaca a propensão à negação da sensibilidade masculina, comum na educação dos homens, e a atribui ao fato de que a dinâmica subjetiva sempre foi considerada “propriedade” das mulheres, o que levaria muitos homens, ainda hoje, a adotar para si mesmos parâmetros de comportamento pautados nessa negativa ou numa pretensa objetividade masculina.

Método

O estudo foi realizado em caráter transversal, descritivo e analítico, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada na cidade de Campina Grande/ Paraíba e a amostra composta por 30 sujeitos, todos do sexo masculino, e média de idade de 22,7 anos. Foram incluídos os homens na faixa etária de 18 a 30 anos e que manifestaram acordo com o termo livre e esclarecido. Foram utilizados um questionário sócio demográfico e uma entrevista em profundidade.

Para o tratamento dos dados quantitativos, coletados através do questionário sociodemográfico, se fez uso de um software estatístico, para composição e organização do banco de dados, os quais em seguida foram analisados mediante o uso da estatística descritiva, utilizando o software SPSS.

Para tratamento dos dados qualitativos que foram adquiridos em entrevistas em profundidade, se fez uso da análise de enunciação explicitada por Bardin (1977). E para visualizar os resultados foram produzidas árvores de associação de sentidos, propostas por Spink e Lima (1999).

A orientação ética da pesquisa foi regulada pelas Diretrizes e Normas de Pesquisa em Seres Humanos, através da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo utilizado o termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, para formalizar o consentimento dado pelo pesquisado à pesquisadora, tomando-se desta forma uma postura legal em que não houve nenhum tipo de limitação a influenciar a vontade e a decisão dos sujeitos da pesquisa. Tais princípios éticos esclarecem o direito dos participantes desistirem da pesquisa na hora que desejarem, garantindo-lhe confidencial identidade, privacidade e proteção de imagem.

Resultados e Discussões

A amostra (N=30) foi formada por estudantes universitários, do sexo masculino, com idades entre 18 e 30 anos, com uma média de 22,07. Todos são brasileiros e, em relação ao estado de nascimento, a maioria é da Paraíba (n=22). No tocante à escolaridade, 99,6% (n= 29) estão no seu primeiro curso universitário e 3,3% (n=1) pós-graduados fazendo uma segunda formação.

No universo de nossa amostra a relação dos estudantes com a religião e a fé, mostrou que: 73,3% (n=22) professam alguma religião. Na variável profissão/ocupação a grande maioria só estuda 73,3% (n=22). Os demais estudantes, 26,4% (n=8) trabalham e estudam.

Do universo de toda a amostra (N=30) apenas 10% (n=3) dos estudantes afirmaram morar sozinhos. 20% (n=6) dos jovens dividem apartamento (casa, etc.) com colega e 70% (n=21) dos pesquisados moram com a família. Quanto ao estado civil dos pesquisados 70% (n=21) declararam ser solteiros e 26,7% (n=8) afirmaram estar em um relacionamento com uma companheira. Apenas um jovem (3,3%) declarou estar morando com outra pessoa. No que se refere ao vínculo de trabalho, 33,3% (n=10) dos pesquisados, alegaram nunca terem trabalhado; 30% (n=9) declararam estar desempregados; 13,3% (n=4) asseguraram que trabalham por conta própria e outros 13,3% (n=4) afirmaram ter um emprego fixo, com direitos trabalhistas. Somente 1 (3,3%) estudante trabalha por conta própria regularmente (Autônomo). Apenas 2 (6,7%) estudantes declararam possuir algum outro vínculo de trabalho, mas não o especificaram.

Aspectos Psicossociais da Amostra

Quando perguntados sobre a procura por ajuda em uma situação de problema 36,7% (n=11) dos entrevistados responderam que não buscam ninguém como auxílio, que tentam resolver seus problemas sozinho. A maioria 63,3% (n=19) busca ajuda de outras pessoas, neste caso, prevalece a busca por amigos e familiares. Este resultado nos permite fazer uma ponte com as análises dos discursos desta pesquisa. Algumas categorias mostram que os estudantes procuram pela mãe para falar das fraquezas (categoria 6) e descreveram a importância da família em seu equilíbrio e enfrentamento das fragilidades (categoria 3).

No tocante à prática de atividades de lazer 90% (n=27) responderam que separam algum momento da sua semana para a prática de algum tipo de lazer, contra 10% (n=3) que não praticam nenhuma. Em relação ao tipo de atividades praticadas, as respostas foram diversas, atentando para a musculação que se caracterizou como a prática mais utilizada pelos homens (30%, n=9). Referente à frequência em que essas atividades de lazer são realizadas apenas 16,7% (n=5) desses estudantes afirmaram que raramente as praticam. Todos os demais praticam ou exercícios ou leituras, ou saem com amigos, atividades entendidas como de lazer para os interlocutores. Esses dados corroboram a pesquisa realizada por Alves et al (2013), na qual foi apontado que 82,5% dos estudantes pesquisados realizavam atividades físicas elevando, assim, a preocupação com o lazer e o corpo.

Quanto ao hábito de fumar observamos que a maioria dos homens pesquisados 96,7 (n=29), não são fumantes, apenas um dos homens afirmou que é usuário de cigarros

regularmente. Esse dado significa que o homem hoje cuida mais da saúde ao evitar o consumo do cigarro. Esse resultado é corroborado pela investigação de Alves et al (2013), realizada com uma amostra muito semelhante, formada por estudantes universitários (N=200), do sexo masculino e mesma faixa etária dos aqui entrevistados. Neste estudo 91% dos estudantes afirmaram não fumar, reafirmando a preocupação desses jovens em um cuidado maior com a saúde.

Perguntados sobre a frequência do uso de bebidas alcoólicas 63,3% (n=19) dos participantes da pesquisa, afirmaram ingerir algum tipo de bebida, embora com pouca frequência. Destes, 33,3% (n=10) dos pesquisados, declararam beber raramente, 20%, (n= 6), beber socialmente, com amigos, ou em festas, aniversários, casamentos, etc., apenas três (10%) dos participantes mantêm um consumo mais constante, bebem normalmente aos fins de semana e em eventos sociais e 36,7 (n=11) declararam não fazer uso de nenhum tipo de bebida. No ranking das bebidas alcoólicas que se mostraram preferidas, vinho e cerveja aparecem empatadas em primeiro lugar, ambos escolhidos por 7 dos respondentes (23,3%) da amostra, esses dados corroboram também a pesquisa realizada por Alves et. al (2013), na qual 65,5% da amostra de estudantes universitários, do sexo masculino, com média de idade de 21,7, consomem bebidas alcoólicas.

De acordo com os dados coletados nesta pesquisa 93,3% (n=28) dos universitários entrevistados se declaram não usuários de drogas ilícitas, 3,3% (n=1) afirmaram já terem feito uso de maconha em algum momento da vida e 3,3% (n=1) disseram ser usuários. Ao serem questionados sobre o tipo de drogas utilizadas 6,7 % (n=2) dos universitários responderam fazer ou já terem feito uso de maconha.

Ao serem perguntados se já haviam ido a um Psicólogo, apenas 30% (n=9) responderam que sim, os outros 70% (n=21) afirmaram nunca ter procurado um profissional dessa área. Os dados revelam que a procura por ajuda psicológica ainda é pequena, embora o Ministério da Saúde, desde 2008, vem se preocupando com uma "Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem" (BRASIL, 2008), que busca divulgar amplamente a importância da saúde masculina, inclusive no que se refere à saúde mental.

Por outro lado os entrevistados que afirmaram já terem ido ao Psicólogo (30% da amostra), apresentaram motivos variados. Entre os 9 homens, 3 deles (9,9%) mencionaram ter ido ao Psicólogo por problemas/queixas escolares. Dos outros 6 entrevistados, cada um mencionou um motivo diferente. Dentre os motivos estão: crise existencial (3,3%), depressão (3,3%), fim de relacionamento (3,3%), transtorno do pânico (3,3%), estresse (3,3%) e

acompanhamento obrigatório em Seminário religioso (3,3%). Em estudos realizados no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foram verificados que a principal demanda por busca de serviços psicológicos na atualidade, refere-se à dificuldade de se relacionar com os outros, seguida por depressão, pânico e medos, e ansiedade (EWALD et al., 2008).

Análise dos Discursos sobre Fragilidade Masculina

Os dados a seguir, demonstrados por árvores de associação de sentidos, resumem as categorias resultantes das análises das 30 entrevistas (100%), aplicada aos sujeitos da pesquisa.

Categoria 01: Formação Cultural da Identidade Masculina

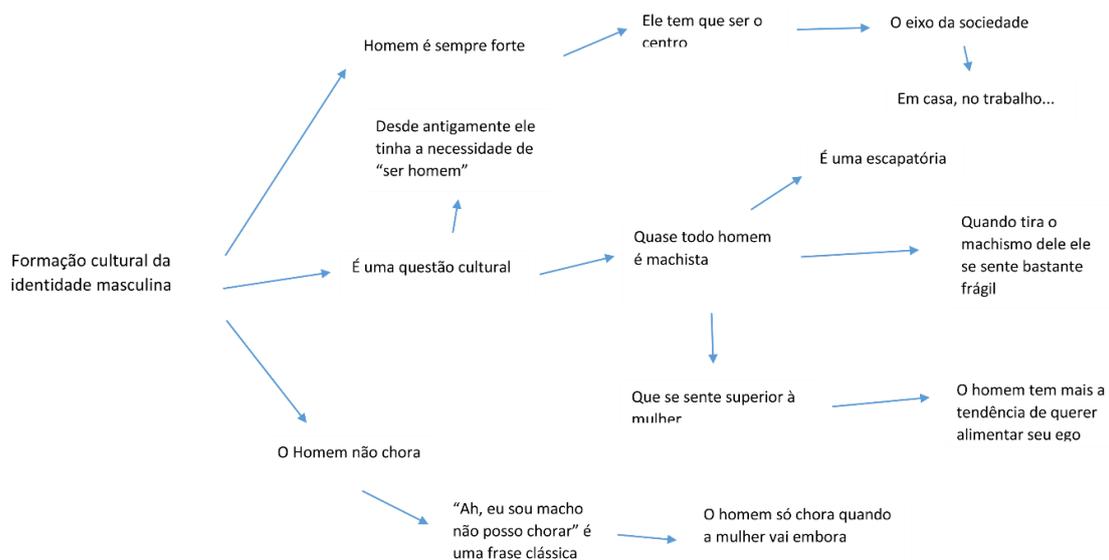


Figura01: Formação cultural da Identidade Masculina

A figura 01 mostra resultados sobre os elementos que correspondem à formação cultural da identidade masculina. O modo como os homens entendem e demonstram a relação entre cultura masculina e a fragilidade.

De acordo com Simone de Beauvoir, em seu livro "O segundo Sexo" de 1945, ao descrever o processo de formação da identidade da mulher, diz "ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (BEAUVOIR, 1986, p.09). Com base na tese de Beauvoir outros autores têm difundido esta ideia quando se referem à identidade genérica de mulheres e dos homens, como

é o caso da paráfrase feita por Badinter que diz “o homem não nasce homem, ele se torna homem” (BADINTER,1993, p.29).

Diante desse entendimento sobre a construção de gênero masculino, nossos entrevistados afirmaram que a relação entre homem e fragilidade está relacionada à forma de expressão dessas fragilidades e seu lugar na sociedade. A concepção que esses homens têm da sua virilidade é afirmada, quando em seu discurso, aparecem frases como “*homem é sempre forte*”, e “*o homem não chora*”. Tais expressões remetem a um homem culturalmente construído e que está voltado aos estereótipos do homem viril e forte. De acordo com Badinter (1993), esses homens são os provedores, os ‘Don Juan’, os fortes, os imbatíveis.

As questões voltadas aos estereótipos do “ser homem” foram apresentadas pelos entrevistados como meio de explicar o seu modo de ser e pensar, a exemplo do relato de um deles que diz, “*O homem é sempre forte, quer passar sempre uma ideia de força, quer ser o homem da casa, ele não pode transparecer nada, porque ele tem de ser o centro, o eixo da sociedade, em casa, no trabalho*” (Sujeito 19). Nesse discurso podemos observar uma reprodução de costumes e posição social do homem, levando em conta as instituições sociais como família, Igreja, escola e Estado. Instituições que estão voltadas para a formação de um homem que busca ser o centro, o provedor (BEAUVOIR, 1986).

Os homens desta pesquisa tentam mostrar algumas diferenças de comportamentos entre eles e as mulheres caracterizando, assim, uma forma de distanciamento delas por acharem que as mulheres são seres mais fracos, tanto fisicamente como sentimentalmente, e assim, mais propensas a fragilidades. Um exemplo disso é trazido por um entrevistado quando diz: “*Uma mulher é mais solta a expressar o sentimento; o homem é mais privado disso como se a emoção (ela) influenciasse na masculinidade, é uma provação do próprio ser, da própria condição do homem como ser machista, como ser duro, grosso, ele tem essa fragilidade do lado emocional*” (Sujeito 20).

Esta seria uma visão sexista, culturalmente construída e presente em alguns discursos, para explicar o porquê de os homens não demonstrarem suas fragilidades, seja a companheiras ou aos amigos, a fim de não provocar nenhum tipo de dúvida contra a sua masculinidade, como mostra o exemplo, “*Homem não chora, é um exemplo de que o cara não quer mostrar que é frágil, que é susceptível à tristeza, à fragilidade, à sensibilidade*” (Sujeito 09). Assim, ainda, existem modelos descritos por Pierre Bourdieu, na sua obra intitulada “A Dominação Masculina” de 1999, que demonstra como algumas sociedades são construídas sobre a

assimetria entre homens e mulheres, sendo esse modelo uma construção social, edificada através dos sistemas sociológicos de manutenção da estrutura e das ideologias sociais.

Os discursos prosseguem mostrando que a demonstração dos sentimentos, e em particular o choro, seja para a namorada ou para um amigo, pode trazer fragilidades, como afirma esse entrevistado: *“O homem é frágil quando, por exemplo, ele chega a chorar na frente da sua namorada, chegar a chorar na frente de um amigo, isso é um momento de fragilidade”* (Sujeito 18). Através desse discurso podemos fazer uma ponte para uma pesquisa realizada por Nolasco (1995), com 25 homens de idade entre 25 e 35 anos com o objetivo de analisar os parâmetros de definição do que é ser homem. Como resultado de um dos questionamentos, eles afirmaram que falar ou demonstrar seus medos e inseguranças para um outro homem é como *“entregar de bandeja a própria cabeça para o inimigo”* (pg. 26), reafirmando uma forte rivalidade e concorrência ao revelar seus sentimentos.

Outros discursos mostraram que alguns homens buscam, ao máximo, o distanciamento das identidades genéricas, que tentam delimitar o espaço e o comportamento entre os sexos. Assim, segundo Badinter (1993), também existem homens que, por serem fruto de uma nova geração, propõem um pensamento diferente, tanto no modo de se portar como, também, nas demonstrações de fragilidades, demonstrando-as, inclusive, como algo normal, independentemente de comparações.

Hoje, os homens jovens não se reconhecem nem na virilidade caricatural do passado, nem no repúdio à masculinidade. Eles já são os herdeiros de uma nova geração de mutantes. Filhos de mulheres mais viris e de homens mais femininos, às vezes eles têm dificuldade em se identificar com os pais, (BADINTER, 1993, p.187).

Nessa perspectiva de mudanças, alguns entrevistados afirmaram que esse “ser homem” pode vir acompanhado de um olhar, despido de preconceitos ou caracterizado pelo homem forte, destemido, pai de família, ou mesmo, como afirma um entrevistado quando diz, *“Algumas pessoas seguem, muitas vezes, o mesmo roteiro de vida que o pai e a mãe e as pessoas com que elas se relacionam fazem, que é, por exemplo, chegar aos dezoito anos casar ter filhos e manter o mesmo padrão reproduzir o mesmo estilo de vida que os pais tiveram ao longo do tempo. Isso, talvez seja confortável, isso talvez seja seguro, isso talvez seja interessante para aquelas pessoas, mas pra mim isso já foi superado, eu não tenho vocação nenhuma para reproduzir o padrão”* (Sujeito 27).

Dessa forma podemos observar que há um movimento em direção à mudança na forma como o homem vê sua realidade, fortalecendo o fenômeno da plasticidade humana, o qual Badinter (1993), aponta que não há mais uma masculinidade e sim masculinidades, em seu sentido plural de entendimento, dando vazão à cultura, tendo como suas fontes ideologias e não essências, antes tão firmemente defendidas do que é ser o macho.

Categoria 02: Ser frágil é...

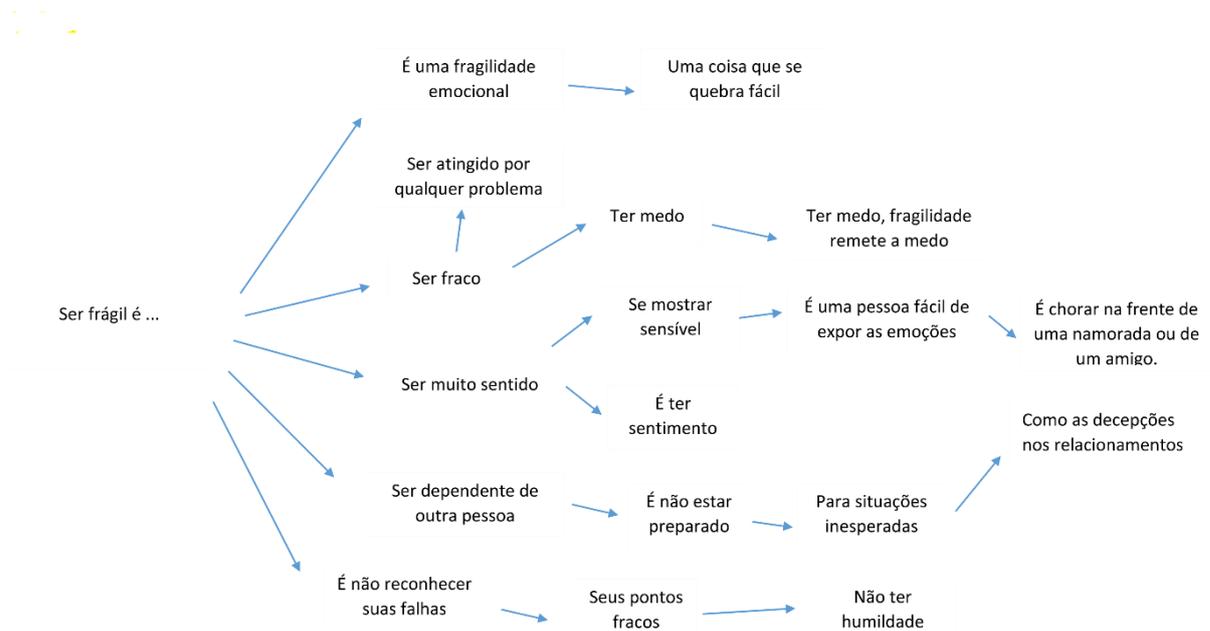


Figura 02: Ser frágil é

A figura 02 expõe os discursos dos entrevistados acerca da pergunta principal de nossa entrevista, ser frágil é... Além de conhecer os discursos nos foi possível calcular o percentual das respostas, pois em primeiro lugar nossos interlocutores respondiam, sim ou não, e em seguida, justificaram sua resposta. Assim, é possível afirmar que 93% (n=28) dos entrevistados afirmaram que já se sentiram frágil alguma vez na vida.

Nos discursos dos entrevistados relatos como “*fragilidade emocional*”, ou “*ser frágil em expor suas emoções*”, foram citados como exemplos do que é ser um homem emocionalmente mais sensível. Para os interlocutores sentir essas emoções e demonstrá-las torna-os mais frágeis, como podemos constatar nesse discurso: “*Pra mim, ser frágil é quando o indivíduo, como pessoa, tem uma sensibilidade a certas coisas que podem causar dor nele, pra mim, eu vejo sensibilidade, fragilidade como isso*” (Sujeito 16).

Os discursos mostraram também que o medo é representado como uma característica da fragilidade. Tal medo refere-se à incapacidade de solucionar aquilo que faz parte das competências do “ser homem”, como explica um entrevistado: *“Isso é o medo masculino, eu acho, pra mim é isso. De não dar conta do que ele acha que é responsabilidade dele”* (Sujeito 30). Assim, o homem que é educado para o papel de provedor, se vê pressionado por uma pauta de responsabilidades a serem cumpridas, de modo a que, muitas vezes, é vitimado pela própria educação. Por uma educação que lhe exige vencer sempre (BARASCH, 1997).

A árvore de associação de sentidos 2 mostra também que a dependência de outras pessoas é um fator de fragilidade. Essa dependência é de cunho emocional e apresenta como consequência dificuldades de enfrentar situações inesperadas, como as decepções nos relacionamentos, como afirma um entrevistado: *“fragilidade eu vejo no sentido de uma pessoa ser muito dependente de outra pessoa, como em um relacionamento, tanto pai, mãe, filho, casal de namorados, seja o que for, mas você se decepciona com algo e aquilo deixa você tão frágil, tão fraco que você não consegue mais viver, não consegue fazer”* (Sujeito 14).

De acordo com Barasch (1997), o homem encontra dificuldade em “sobreviver” em um mundo de mudanças acentuadas, no qual ele não mantém o mesmo ritmo, não dá conta de aspectos como, sentimental, nas trocas de afetos, amor e sexo. Dessa forma a demonstração de sentimentos os torna frágeis.

Por outro lado alguns entrevistados afirmaram que o fato de o homem não reconhecer suas falhas, como parte de sua identidade, os tornam frágeis, a exemplo de um entrevistado quando diz: *“Mas pra mim ser frágil é você não reconhecer suas falhas, seus pontos fracos, a sua fragilidade em algumas coisas pra você”* (Sujeito 23). Assim, alguns valores, antes considerados determinantes na formação cultural de ‘ser homem’, apresentam sinais de mudança à medida que alguns homens começam a reconhecer seus pontos fracos como possibilidade de expressão para si. Barasch, (1997), afirma que na conjuntura atual, aos poucos, o homem busca o autoconhecimento, levando em consideração um novo olhar para sua representação de homem na sociedade, fato que pode gerar em si expectativas e decepções nesse percurso.

Categoria 03: Relacionamento Familiar x Fragilidade.

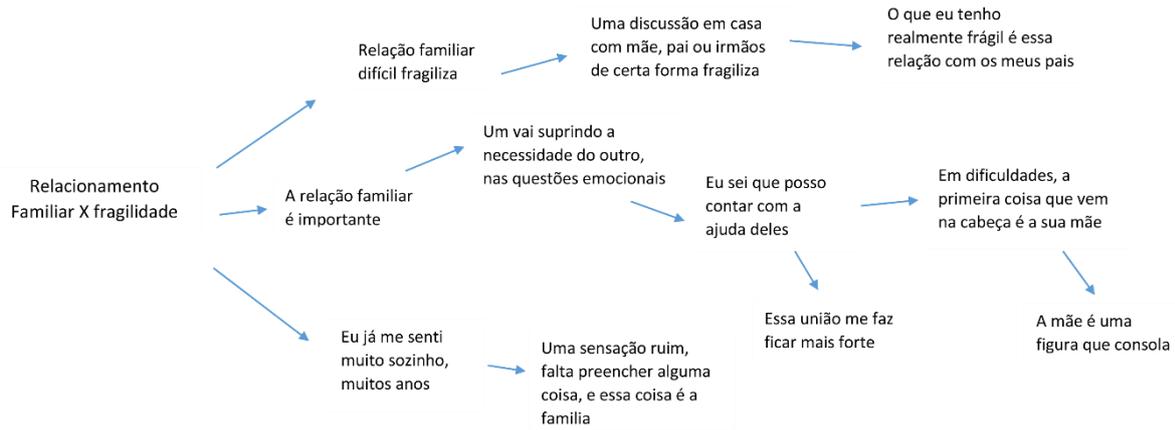


Figura 03: Relacionamento Familiar x Fragilidade

A figura 03 traz os discursos dos entrevistados acerca das relações familiares, mostrando como o contato ou a falta dele, pode vir a fragilizar os homens. De acordo com as respostas obtidas os homens afirmaram que essas relações estão na base do equilíbrio emocional, e que relação familiar positiva ajuda a equilibrar e a negativa, desestabiliza. Um exemplo de uma relação negativa: *“o que eu tenho realmente frágil é essa relação com os meus pais isso fica me corroendo, se eu guardar isso só pra mim, vai chegar uma hora que eu não vou aguentar mais, então eu prefiro expor do que ficar guardando só pra mim”* (Sujeito 16). Dessa forma o relacionamento familiar pode fragilizar esses homens, tendo como causa a falta de base familiar ou mesmo uma boa interação entres os parentes.

Diante dessa realidade muitos homens buscam, em uma nova formação familiar, lidar de forma diferente com essa instituição, tentando modificar aspectos que eles jugam que seus pais falharam, como afirma Cuschnir (2001), ao relatar que *“o homem percebe a importância do próprio pai e reage buscando a proximidade com o filho. A reconstrução da relação com a família e com o filho é a tentativa de recompor a vida familiar segura que ele não vivenciou”* (pg. 186).

Outro aspecto trazido pelos discursos dos entrevistados fala sobre a relação familiar como uma saída, um porto seguro, através da qual, eles podem confiar e diminuir suas fragilidades. Muitos dos entrevistados afirmaram que a busca por uma ajuda entre os parentes está mais direcionada à mãe, como afirma um entrevistado quando diz: *“Sempre qualquer coisa difícil a primeira coisa que vem na sua cabeça é a sua mãe, nos momentos mais difíceis eu acho que é a primeira pessoa que a gente sempre lembra”*, ou *“Eu acho que a mãe é uma figura que consola, a mãe é uma figura que você pode sempre contar com ela”* (Sujeito 23).

Essa visão da mãe pode conter, de acordo com Badinter (1993), o conceito da mãe que dá aos filhos aquilo que eles precisam sem os tornarem prisioneiros, evitando o excesso de frustrações ou de culpabilidade. Dessa forma os homens as veem como alívio aos seus sofrimentos.

Os resultados das análises mostraram também que a distância e a saudade da família contribuem para fomentar a fragilidade do homem. Vejamos o que diz um entrevistado: “*Muita angústia, não sei como descrever, é uma sensação ruim, uma sensação de falta, falta de você não estar 100% bem, 100% feliz. Falta preencher com alguma coisa, e essa coisa é a família. Entende? É a família*” (Sujeito 01). Segundo Cuschnir (2001), a saudade dos parentes surge como uma reavaliação familiar, lembrando-se do convívio e da intimidade antes proporcionada entre os momentos de brincadeiras e amizade. Tal nostalgia pode, de certa forma, fragilizar o homem.

Categoria 04: Comparação entre os Sexos

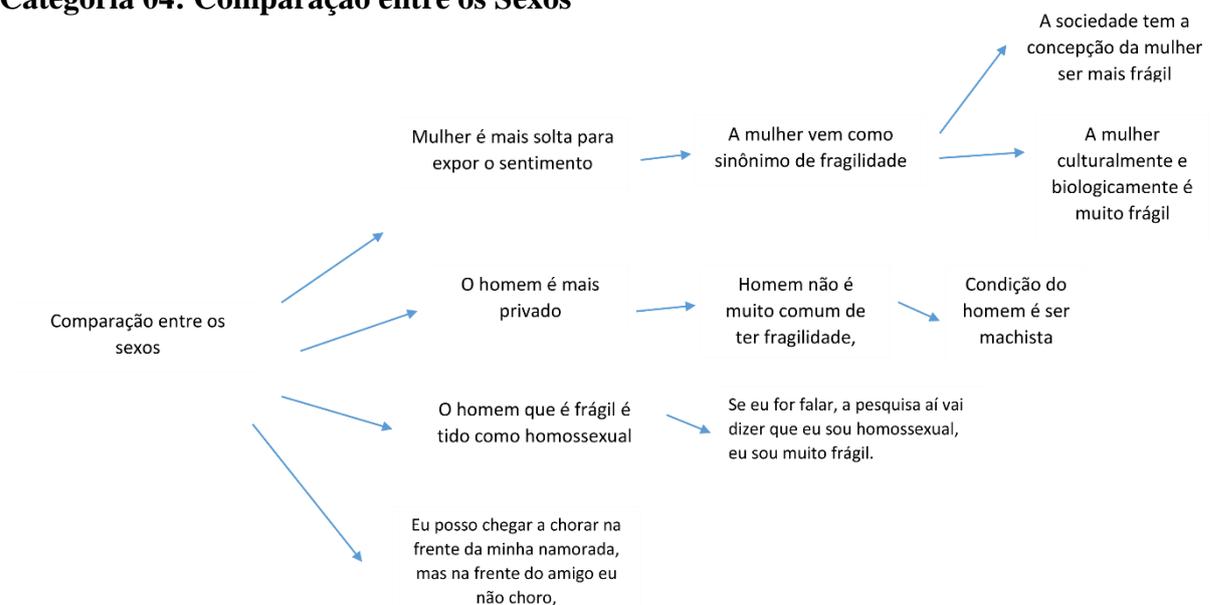


Figura 04: Comparação entre os sexos

Em nossa pesquisa foi muito comum encontrar discursos que além de demonstrarem os papéis dos homens em relação à fragilidade, elencavam as diferenças entre os sexos feminino e masculino quanto à demonstração e vivência da fragilidade. Se nos voltarmos para a literatura clássica encontramos em Jacques-Louis Moreau, em sua obra intitulada “*Histoire naturelle de la femme* (1803), uma diferenciação entre os sexos na qual ele aponta elementos iniciais de diferenciação entre os sexos, afirmando que não apenas o sexo é diferente, mas também a alma, portanto física e moralmente.

Não nos estranha essa comparação ao entendermos que de acordo com Gikovate (2000) muitas vezes o homem se define em comparação com a mulher, buscando afirmar assim seu orgulho com relação a sua condição de suposta superioridade. Nesse sentido, a figura 04 refere-se aos discursos que vislumbram essa comparação.

Os discursos apontam com unanimidade que a mulher tem mais liberdade para exprimir os sentimentos, visto que ela “*já vem como sinônimo de fragilidade*”. Esse “já vem” nos demonstra claramente que, para nossos interlocutores, a mulher, antes mesmo de nascer, já carrega condição de frágil e indefesa. Um de nossos entrevistados afirmou *que: “A mulher vem como sinônimo de fragilidade, não é? Então ele não quer ter essa dívida ele ser ou não “o homem”. Ele quer ser e ele tem aquela atitude, isso é a “natureza” dele que vai mover o seu caminho, a natureza dele é como eu pensei agora do boi e da carroça, não é? O homem ele pode ser a única pessoa que esteja na carroça, porém a natureza dele é o boi, o animal que está na frente que vai guiando”* (Sujeito 18). Dessa forma observamos como o papel do homem viril, provedor está presente em nossa sociedade como afirma Nolasco (1995), quando diz que o “socialmente acredita-se que a identidade de um homem deve ser nítida, precisa e bem resolvida” (pg. 129). Seria uma visão determinista, natural, a diferenciação entre homens e mulheres. Um homem determinado para a força e a mulher para ser a frágil.

Os resultados mostraram também que a demonstração de fragilidade pode ser comparada com a homoafetividade. Quando perguntado se um entrevistado já havia se sentido frágil em algum momento na vida, ele respondeu, “*Um bocado, acho que se eu for falar, a pesquisa... aí vai dizer que eu sou homossexual, eu sou muito frágil*”. Este resultado nos autoriza afirmar que o receio em demonstrar fragilidade seria um mecanismo de distanciamento dos elementos psicossociais que são associados ao comportamento homoafetivo. Como afirma Badinter (1993) sobre a visão tradicional do ser homem e heterossexual:

Tradicionalmente, a masculinidade define-se, com mais frequência, ‘pelo evitar de qualquer coisa... do que pelo desejo de’. Ser homem significa não ser feminino, não ser homossexual; não ser dócil, dependente, submisso; não ser efeminado na aparência física ou nas maneiras; não ser impotente com as mulheres” (BATINDER, 1993).

Então evitar demonstrar fragilidades faz parte dessa visão de ser homem. O receio de parecer homoafetivo perpassa pela rejeição e chacota entre outros homens. Em outro momento da entrevista alguns entrevistados afirmaram preferir demonstrar suas fragilidades para

namoradas ou amigas, que para os amigos, já que estes, certamente, iriam duvidar de sua condição de homem. Como afirma esse entrevistado: *“Porque como uma figura feminina ela vive mais essa questão das fragilidades, entende melhor... então eu acho assim... que se eu chegasse por exemplo, assim tivesse um cachorrim... “Cara meu cachorrim, morreu...” Se eu chegasse pra um amigo meu: “Caramba véi, to triste, meu cachorrim morreu...” O bicho ia fazer... “Vai prá lá doido...” Se eu chegasse pra uma mulher era “Ohh o bichinho...”, ia acolher melhor... Acho que por isso”* (Sujeito 03).

Os relatos também revelaram que os homens sentem-se punidos por uma condição socialmente construída, como o machismo. Uma vez que não podem demonstrar seus sentimentos da forma que desejam, por se sentirem julgados, como afirma esse entrevistado: *“Uma mulher ela assiste a um filme mais meloso, um filme mais emocionante ... e ela já é mais solta a expressar o sentimento; o homem é mais privado disso e eu acho que isso é uma fragilidade que o homem enfrenta como se a emoção ela influenciasse na masculinidade, é uma provação do próprio ser, da própria condição do homem como ser machista, como ser duro, grosso, ele tem essa fragilidade do lado emocional”* (Sujeito 20). Dessa forma podemos afirmar que os discursos foram construídos em vários sentidos, desde uma visão mais tradicional do que é ‘ser homem’ até à culpabilidade de fazer parte de um modelo de homem, que é difícil de se livrar.

Categoria 05: Homem não Demonstra sua Fragilidade

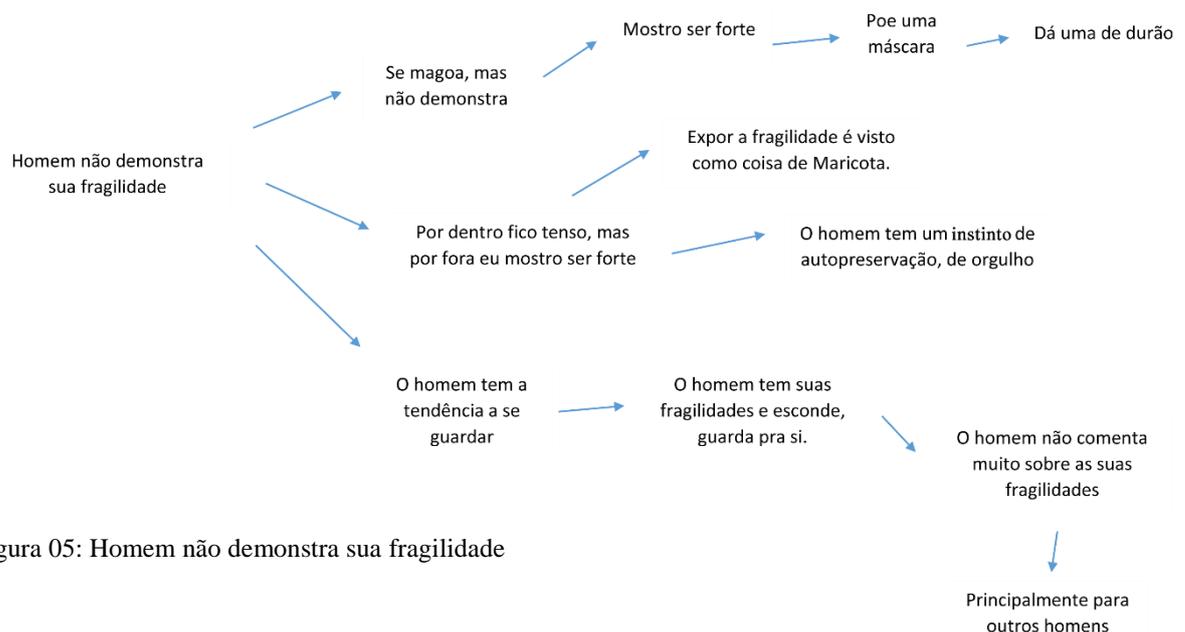


Figura 05: Homem não demonstra sua fragilidade

A categoria “Homem não demonstra sua fragilidade” reflete um pouco do imaginário cultural e da construção social de uma masculinidade acerca do que é ser homem e como ele deve agir. Como visto em categorias anteriores, muitos dos nossos entrevistados não procuram ajuda para enfrentar algum momento de fragilidade. E para que eles não procurem essa ajuda é preciso não demonstrar o que sentem e, assim, se mostrar sempre forte, intacto, inabalável. “*A gente cresce nessa coisa de não mostrar as fraquezas, não mostrar...*” (Sujeito 23). Ou seja, por mais que o sujeito sinta-se frágil, ele irá esconder, pois aprendeu que homem deve se comportar desse modo, escondendo seus sentimentos. “*Desde a criação a pessoa já vem sendo criado pra ser forte, entendeu? Assim de coração de pedra mesmo* (Sujeito 11).

Homens fortes, de coração de pedra, que sentem, mas não demonstram, pois foram criados para serem assim. Uma construção de uma identidade masculina que vem enraizada de velhos discursos, mas transparece nos discursos dos homens atuais. “*Assim, eu procuro não mostrar que eu senti.*” (Sujeito 07). Pois, “Ser homem era sinônimo, sobretudo, de não ter medo, não chorar, não demonstrar sentimentos, arriscar-se diante do perigo, demonstrar coragem, ser ativo” (SOUZA, 2005. P. 60). Se o homem não demonstra o que sente, ele acaba vestindo uma máscara, para que por fora ele passe uma imagem, enquanto por dentro está se sentindo frágil. “*É...colocar... é... fazer uma máscara disso. Tentar... é... vamos dizer assim... disfarçar isso aí*” (Sujeito 23). Tentar disfarçar qualquer aparência de sofrimento ou fraqueza para que ninguém perceba que o homem está fragilizado por algum motivo. “*A gente cresce aprendendo, ouvindo que deve ser forte: Deve ser forte. Eu acho que a gente deve ser... a se mascarar, né*” (Sujeito 23).

Além de “aprender” a colocar a máscara, de não demonstrar, a tendência é se isolar, não comentar, guardar para si, para que ninguém saiba, muito menos outros homens. Pois, “No modelo de masculinidade a ser seguido, ressaltam-se ideias de que o *homem de verdade* é solitário e reservado no que se refere às suas experiências (...)” (GOMES, 2003. p.827). Essa ideia se reflete nos discursos de nossos entrevistados, quando um deles diz que o “*homem tem a tendência a se guardar*”, já que expor o que sente, chorar, demonstrar, pode ser visto como algo de mulher. Mesmo tendo essa “tendência”, os homens de nossa amostra não negam que se sentem frágeis em algum momento, e que muitas vezes não demonstram por questões sociais ou preconceito. “*(...) É frágil sim, mas não gosta de demonstrar isso, o homem em si, o lado masculino. Ele tem suas fragilidades e ele esconde, ele guarda pra si*” (Sujeito 20). E ainda, “*talvez eles tentem esconder mais por razões impostas pela sociedade, mas eles têm fragilidades*” (Sujeito 16).

Desse modo, possivelmente, nossos entrevistados carregam consigo alguns discursos que foram enraizados e aprendidos acerca do que é ser homem, mas também não negam se sentirem frágeis em algum momento da vida. Isso pode ser associado à chamada crise da masculinidade como afirma (GOMES, 2003)

“Não especificamente a crise da masculinidade, mas as inseguranças do ser homem. Para ele, num cenário em que se prega que a sexualidade se efetiva pela atração pelos opostos, a construção da masculinidade é atravessada por pontos de insegurança traduzidos principalmente pelo medo do homossexualismo e da impotência” (GOMES, 2003. p.827).

São inseguranças que se refletem nas falas de nossos entrevistados em diversos momentos, como por exemplo, quando um deles diz que *“Expor a fragilidade é visto como coisa de Maricota”*. Esse medo, de se expor, de demonstrar pode estar associado ao medo de ser visto como homoafetivo ou como “menos homem”, já que existe *“o próprio preconceito do homem que desde criança que diz que o homem não pode chorar, que o homem não pode se expressar”* (Sujeito 20). Então, possivelmente, o preconceito não venha necessariamente de fora (da sociedade), mas de dentro dos próprios sujeitos que carregam inseguranças, regras enraizadas de outras gerações, e assim vivem a angústia de permanecer dentro das práticas e discursos construídos de como deve ser o verdadeiro homem.

Categoria 06: Busca por ajuda para superar a fragilidade

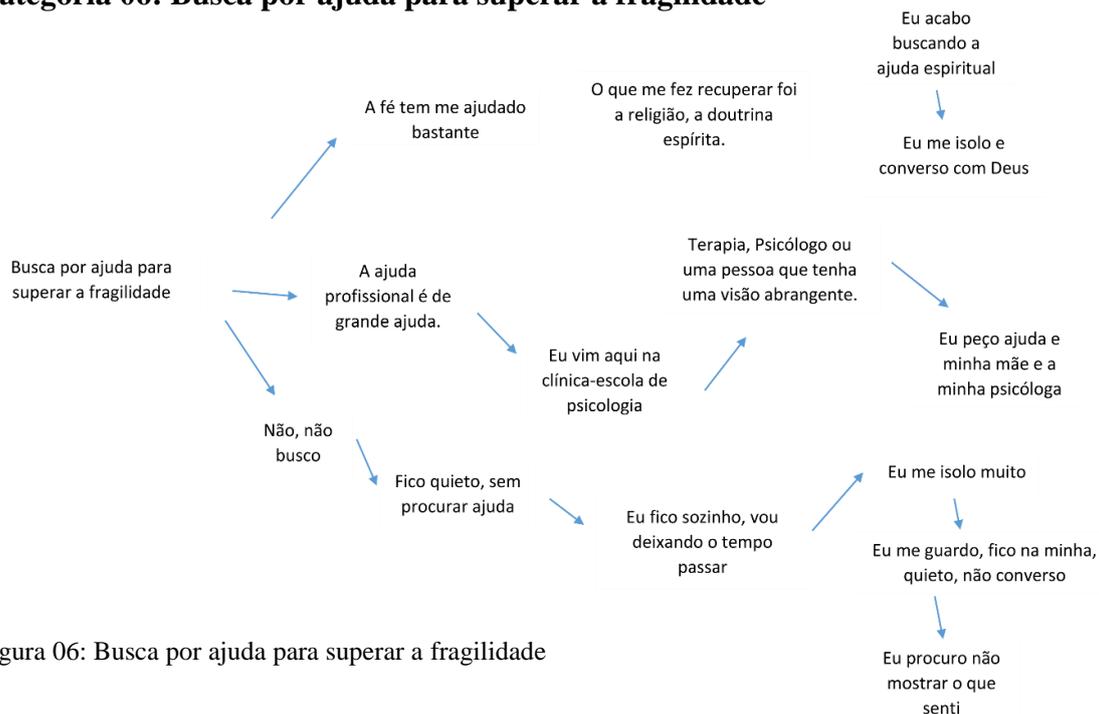


Figura 06: Busca por ajuda para superar a fragilidade

No que se refere à categoria “Busca por ajuda para superar a fragilidade” é possível observar duas vertentes de respostas entre nossos entrevistados. Numa das vertentes os sujeitos responderam que procuram ajuda para enfrentar alguma situação em que se sintam frágeis, seja por meio de ajuda profissional, da busca por religiosidade, da fé, da ajuda de amigos, e/ou do apoio familiar. Por outro lado, alguns dos nossos entrevistados disseram que não procuram ajuda, pois preferem se isolar e não demonstrar o que sentem. Assim sendo, “as pessoas lidam com os problemas da forma que é possível em determinado momento, pois as ações de enfrentamento são limitadas pela pressão dos eventos, pelo sistema de crenças predominantes e pelas avaliações dos recursos disponíveis para enfrentá-los” (Pargament, 1997 apud Faria & Seidl, 2005; p. 383). Nesse sentido, cada indivíduo utiliza-se de seus recursos pessoais para tentar enfrentar e lidar com seus momentos de fragilidade, tendo em vista as particularidades dos acontecimentos e das ações frente a alguma situação.

Entre os recursos que deram mais suporte ao enfrentando da fragilidade estão a fé, a religiosidade e a espiritualidade. Esses são os fatores que ajudaram nossos entrevistados a superar o momento frágil, como é possível perceber em algumas nas falas dos sujeitos a seguir: *“O que fez eu me recuperar mesmo foi, é.. a religião, no caso.”* (Sujeito 13); *“Também tem a questão da fé que tem me ajudado bastante”.* (Sujeito 28); *“(…) Eu tenho uma vida espiritual, bastante forte, então eu acabo buscando essa ajuda espiritual e Deus, que eu acredito(…)”* (Sujeito 29) e *“Eu vou pouco à igreja, mas quando eu estou muito frágil, muito frágil mesmo eu me isolo e eu converso com Deus e tenho assim, Nossa Senhora das Graças uma certa confiança, eu me sinto amparado entendeu?”* (Sujeito 27).

Essas falas são reflexos de crenças e valores particulares que foram essenciais para que os sujeitos pudessem enfrentar momentos de fragilidade, tendo como suporte de enfrentamento a busca por apoio espiritual/religioso. Nesse sentido, pode-se perceber “(…) a importância da religião como promotora de suporte emocional, instrumental e informativo” (Faria & Seidl, 2005. p. 382).

Outros entrevistados afirmaram também pedir ajuda à mãe no momento de fragilidade. Conforme mencionou nosso entrevistado: *“(…) eu peço ajuda em primeiro lugar a minha mãe em segundo lugar é... o segundo lugar varia bastante, a um amigo mais próximo, mas sempre é minha mãe”* (Sujeito 28). O apoio da família é importante para o enfrentamento da fragilidade, mas a figura da mãe foi caracterizada como mais relevante à hora de dar o suporte necessário para se enfrentar o momento de fragilidade. Outro aspecto a ser destacado também é apoio dos amigos, mais precisamente, das amigas, pois muitas vezes alivia e dá conforto naquele

momento, como mencionou nosso entrevistado: *“Você tendo a companhia vai ter aquele conforto tanto de repassar da pessoa pra você como de você pra pessoa e você depois disso você se sente mais aliviado daquela dor que tava, daquele peso que estava nas suas costas.”* (Sujeito 18).

E ainda tiveram alguns que mencionaram pedir ajuda profissional no momento de fragilidade, pois, assim, se sentem mais seguros para enfrentar a situação. Ao ser perguntado sobre que tipo de ajuda buscar, um de nossos entrevistados respondeu: *“Terapia, Psicólogo ou alguém que possa ter uma visão um pouco mais abrangente do que um amigo que vai dar conselho (...)”* (Sujeito 25). Entretanto, ainda é pequena a margem de quem busca primeiramente ajuda profissional diante de uma situação, principalmente no que se refere ao universo masculino, onde questões culturais exercem influência nas escolhas, decisões e no modo de ser e pensar em sociedade. Logo, a procura por ajuda profissional ou psicológica ainda é pequena, embora o Ministério da Saúde, desde 2008, venha se preocupando com uma "Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem" (BRASIL, 2008), que busca divulgar amplamente a importância da saúde masculina, inclusive no que se refere à saúde mental.

Embora existam alguns avanços quanto ao cuidado com a saúde do homem, muitas questões estão arraigadas no imaginário social no que se refere ao gênero e a construção de uma identidade masculina. Os próprios homens demonstram essa dificuldade de cuidarem de si mesmo, de se mostrarem frágeis, uma vez que, ainda persiste a ideia de que só precisa de cuidado quem está em situação vulnerável. Conforme Silva Ramos e Diniz (2008, p. 76) *“O descuido dos homens com seus corpos e sua saúde revela um estado de aprisionamento à cultura patriarcal que não admite a visibilidade da vulnerabilidade e fragilidade masculinas”*.

Mostrar-se frágil, vulnerável ou em sofrimento parece ser sinônimo de grande fraqueza. Alguns homens afirmaram não buscar ajuda profissional para superar fragilidades. Entre as respostas dadas, destacamos: *“Pra sair desse quadro quando eu estou assim, deixo o tempo passar. Fico quieto, sem procurar ajuda”* (Sujeito 26); *“Eu me guardo (...) Fico mais na minha, fico mais quieto, não converso muito. E me reservo, fico mais em casa, sozinho no quarto, só pensando”* (Sujeito 30) e *“(...) eu não sou do tipo que procuro pessoas para resolver meus problemas, eu sempre procuro resolver sozinho”* (Sujeito 29).

Embora cada indivíduo busque seus recursos intrínsecos para tentarem superar uma situação difícil, a maioria das respostas reflete o imaginário social de que o homem não precisa de ajuda, nem de ninguém. Já que *“ser homem está associado à invulnerabilidade, força e virilidade, incompatíveis com a demonstração de sinais de fraqueza, medo, ansiedade e*

insegurança” (Gomes et al., 2007, p.569). Procurar ajuda de alguma forma demonstraria fraqueza e colocaria em risco a masculinidade do homem, que na maioria das vezes procura “resolver” seus problemas sozinho, para afirmar sua identidade.

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa apontam para uma população de jovens homens (N=30) que em sua maioria vive com os pais, dedica-se prioritariamente aos estudos e basicamente não trabalha. Procuram realizar atividades de lazer e praticam esportes. Apenas um participante é fumante. Sobre a ingestão de álcool não podemos afirmar se é pequena ou grande, pois nosso instrumento não permitiu quantificar o consumo, apenas permitiu quantificar as vezes da semana em que há o consumo.

O uso de drogas é considerado baixo ainda que estudos como o de Wagner e Andrade (2008) afirmem que o uso de substâncias ilícitas vem crescendo entre os estudantes jovens universitários. No caso do presente estudo não pudemos confirmar o resultado de Wagner e Andrade (2008).

Em relação aos resultados qualitativos as seis categorias aqui apresentadas resumem os achados mais importantes, ainda que muitos outros ainda possam ser deduzidos. De um modo geral, podemos afirmar que tais resultados são esperados, ainda que impactantes, já que a nossa amostra é formada de jovens (média de idade de 22,7 anos) universitários, de quem se espera uma mentalidade mais ‘aberta e moderna’ já que representam uma geração que tem testemunhado ‘grandes’ transformações sociais. Por serem filhos de mulheres que se profissionalizaram, porque vivem numa cidade bastante globalizada e pertencem ao mundo universitário, que é o mundo de erudição.

Pareceu-nos estranho encontrar uma mentalidade sobre o que é ser homem que ainda mantêm de modo tão aguçado, assertivas como: o homem é sempre forte e a mulher é frágil. O homem ainda que tenha momentos de fragilidade deve escondê-la para não correr o risco de ser taxado de homossexual. Evita pedir ajuda e compartilhar suas supostas fragilidades. Homem não chora. O homem tem a obrigação de ser o provedor da família. Inclusive a ideia sobre ser o provedor vai à contramão das estatísticas nacionais que mostram que as mulheres são cada vez mais autônomas em relação aos homens, em vários sentidos.

É importante registrar a existência de um paradoxo entre os discursos dos jovens quando fazem uma crítica às amarras sociais que os mantêm presos a alguns valores e comportamentos

mais tradicionais, no entanto, não conseguem avançar numa mudança de comportamento pelo medo de receber uma taxação que desmereça ou diminua a sua masculinidade.

Os resultados motivam-nos a querer realizar outros aprofundamentos tanto teórico quanto empíricos, para entender as razões de jargões como ‘homem não chora’, por exemplo, ainda possuírem tanta densidade social e cultural.

Finalmente, é possível dizer que alguma mudança está sendo processada nos valores em relação à formação cultural de gênero masculino, sem embargo, observamos muita tradição na idealização masculina de ser homem.

CONCEPTIONS DES HOMMES SUR LES FAIBLESSES DE SEXE MASCULIN

Adriano Araújo freire²

RÉSUMÉ

Cette étude visait à connaître le discours actuel sur les faiblesses des hommes, ainsi que de comprendre la signification de ces faiblesses; comprendre comment le sexe conceptions influencer le comportement des hommes face à ses faiblesses; comprendre les différentes façons dont les hommes enregistrent et démontrent la douleur émotionnelle et d'enquêter sur le comportement des hommes avant de demander de l'aide et / ou de soutien psychologique. La méthodologie a été exécuté en coupe transversale, descriptive et analytique, à l'approche Quantitative. Le champ de recherche est la ville de Campina Grande / Paraíba. L'échantillon était composé de sujets de sexe masculin, âgés de 18 à 30 ans (n = 30). Les instruments étaient un questionnaire socio-démographique et une interview en profondeur. L'analyse qualitative générée six catégories qui ont montré que les hommes maintiennent les valeurs traditionnelles par rapport à la définition d'être un homme, et se affirmer comme l'homme est toujours forte et la femme est fragile; l'homme ayant encore des moments de faiblesse doit cacher de ne pas courir le risque d'être étiqueté un homosexuel; empêche demander de l'aide et de partager leurs faiblesses supposées. Nous considérons ces discours percutants parce que ce est l'échantillon de jeunes (âge moyen 22,7) Collège, qui est attendu une mentalité plus moderne d'appartenir à une génération qui a été témoin de «grandes» transformations sociales et appartiennent au monde académique, qui est le monde de la bourse. Nous avons enregistré l'existence d'un paradoxe entre les discours en faisant une critique de contraintes sociales qui les maintiennent coincé dans certaines valeurs et un comportement plus traditionnels, cependant, ne peut pas avancer un changement de comportement par la peur de recevoir une taxe que desmereça ou diminuer leur masculinité.

MOTS-CLÉS: Faiblesses; Sexe Homme; Homme; Psychologie de la santé

² Étudiant diplômé de psychologie de l'Université d'État de Paraíba
Email: adfreire_2006@hotmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. F. et al. A. **Representação social da saúde pelo homem jovem**. 2013. p. 21. Relatório Final de Pesquisa – Programa institucional de bolsas e iniciação científica (Cota 2012/2013), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande-PB. Relatório de pesquisa não publicado.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARASCH, M. Sexo e afeto no cotidiano do homem. In: CALDAS, Dario. (org). **Homens**. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.
- BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1986. Vol.II: a experiência vivida.
- BRAGA, E. M. A questão do Gênero e da sexualidade na educação. In: RODRIGUES, E; ROSIN, S. M. (orgs). **Infância e práticas educativas**. Maringá: EDUEM, 2007.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Política nacional de atenção integral a Saúde do homem**. Centro de Documentação do Ministério da Saúde - Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT.09.CON.S.pdf>>. Acesso: 12 Mar. 2014
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CUSCHNIR, L. **O homem sem máscaras: paixões e segredos dos homens**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- CUSCHNIR, L. **O homem e suas máscaras**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- ENGELS, F. **El origen de la familia, de la propiedad privada e del Estado**. Buenos Aires: Claridad, 1884.
- EWALD, A. P; MOURA, M. T. C; GOULART, S. M. **Psicoterapia e subjetividade: interfaces entre os modos contemporâneos de subjetivação e as demandas de um serviço de Psicologia**. *Estud. pesqui. psicol.* [online]. 2008, vol.8, n.3, pp. 807-813. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180842812008000300017&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 12 Mar. 2014.
- FARIA, J. B. de; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e Enfrentamento em Contextos de Saúde e Doença: Revisão da Literatura. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2005, 18 (3), PP. 381-389.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a12v18n3.pdf>> . Acesso em: 6 Ago. 2014.

FELIPE, D. A; NOGUEIRA, J. K.; TERUYA, T. K. **Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. Educação escolar, formação de professores, diversidade cultural.** Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013

FIORINI, J. E; ALVES, A. L. **Uso de drogas de lícitas e ilícitas no meio universitário de Alfenas.** R. Un. Alfenas, Alfenas, 5:263-267, 1999.

GIKOVATE, F. **Homem: o sexo frágil?**. MG Editores, 2000.

GOMES, R. **Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão.** In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(3):825-829, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17463.pdf>> . Acesso em: 6 Ago. 2014.

GOMES, R; NASCIMENTO, E. F; ARAÚJO, F. C. **Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior.** *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(3):565-574, mar, 2007. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v23n3/15.pdf>>. Acesso em: 12 Mar. 2014.

LAURENTI, R; MELLO, M. H. P. de; GOTLIEB, S. L. D. **Perfil epidemiológico da morbimortalidade masculina.** *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v.10, n.1, mar. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000100010&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 17 maio 2013.

MACHADO, F. Grupo de homens: repensando o papel masculino na sociedade contemporânea. *Pesquisa Psicológica. Revista Científica de Psicologia*, Maceió, v. 2, n. 1, p. 1-31, 2008.

MACHADO, L. Z. (2000). **Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?** In: *Sociedade Brasileira de Sociologia: Simpósio Relações de Gênero ou Patriarcado Contemporâneo, 52ª Reunião Brasileira para o Progresso da Ciência*. Brasília: SBP.

MEDRADO, B.; NOCA, N. J. M. S. **Integralidades e masculinidades nas práticas de saúde: reflexões a partir de um serviço de saúde para homens em Pernambuco.** Pernambuco: Editora, 2010.

MILLET, K. **Sexual politics.** New York: Doubleday & Company, 1970.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239 – 262, jul/set. 1993.

MOREAU. J. L. **Histoire naturelle de la femme.** Chez L. Duprat, Letellier et comp. ed 01.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro.** (4ª. ed.). Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** 2ª ed. Rocco; Rio de Janeiro, 1995.

PATEMAN, C. **O contrato sexual.** Rio: Paz e Terra, 1993.

PINHEIRO, L. J. C. **O Patriarcado presente na Contemporaneidade: Contextos de Violência.** In: Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder, Local: Editora, 2008.

PINHEIRO, S. P. et al. **Gênero, morbidade, acesso e utilização de serviços de saúde no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2013.

SABO, D. **Men's health studies: origins and trends.** Journal of American College Health , 49, n 3 N, 2000.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, 20, 71-99; 1995.

SILVA, J. M. da. **A crise do masculino.** Polêmica, v. 10, n. 4 , outubro/dezembro 2011.

SILVA, R. K. Q; DINIZ, E. R. S. **A morte Do Super-Homem: Corpo, Saúde E Identidades Masculinas.** In: Revista TEMA. V.7 . Números 10/11; 2008. PP. 69-78. Disponível em: <<file:///C:/Documents%20and%20Settings/pc/Meus%20documentos/Downloads/8-41-2-PB.pdf>> . Acesso em: 6 Ago. 2014.

SOUZA, E. R. de. **Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde.** In: Ciência & Saúde Coletiva, 10(1):59-70, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a06v10n1.pdf>>. Acesso em: 6 Ago. 2014.

SPINK, M. J; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: Spink, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas.** Local: Cortez Editora, 1999.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

WAGNER, G. A; ANDRADE, A. G. **Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros.** Rev. psiquiatr. clín. [online]. 2008, vol.35, suppl.1, p. 48-54. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000700011>.